

Título: Racismo Ambiental e Industrialização: Desigualdades Socioespaciais em Campos Elíseos, Duque de Caxias

Autor: Pammella Casimiro de Souza, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, pammellacasimiro@gmail.com.

Resumo

O presente texto apresenta o Racismo Ambiental e(m) sua relação com a produção/organização do espaço geográfico no bairro industrial em Duque de Caxias - Baixada Fluminense. Campos Elíseos é um exemplo emblemático dos impactos do desenvolvimento industrial, onde a Refinaria de Duque de Caxias (Reduc) se impõe como símbolo de progresso e exclusão. O bairro, de maioria negra, evidencia a necessidade das interseções entre raça, espaço e meio ambiente, reimaginando futuros possíveis que incluam bem-estar para todos os sujeitos e territórios. O objetivo central é dialogar como o Racismo Ambiental se manifesta na industrialização de um bairro periférico, analisando seus impactos sobre a população e os processos territoriais. Para isso, traça-se o perfil histórico-social do território, identificam-se os agentes envolvidos na organização do espaço urbano e social, e relacionam-se conceitos acadêmicos com as vivências locais. A metodologia combina as escrevivências da pesquisadora, observação participante e análise documental. A pesquisa articula Racismo Ambiental, apresentado como a desigualdade na aplicação de políticas e práticas ambientais que prejudicam, intencionalmente, comunidades negras, sendo reforçada por instituições governamentais, econômicas e políticas, com conceitos geográficos, como território, territorialidade e zonas de sacrifício, evidenciando como a lógica capitalista perpetua desigualdades raciais, ambientais e territoriais. Os resultados apontam desconexão entre agentes – Estado, indústrias, moradores – e a ausência de planejamento territorial que priorize a qualidade de vida dos sujeitos. Essa lacuna amplia os impactos negativos, como poluição, doenças e baixa autoestima territorial.

Palavras-chave: Racismo Ambiental; Territorialidade; Desenvolvimento.

Abstract

This text presents Environmental Racism and its relationship with the production/organization of geographical space in the industrial district of Duque de Caxias - Baixada Fluminense. Campos Elíseos is an emblematic example of the impacts of industrial development, where the Duque de Caxias Refinery (Reduc) stands as a symbol of progress and exclusion. The neighborhood, with a black majority, highlights the need for intersections between race, space and the environment, reimagining possible futures that include well-being for all subjects and territories. The central objective is to discuss how Environmental Racism manifests itself in the industrialization of a peripheral neighborhood, analyzing its impacts on the population and territorial processes. To do this, the historical and social profile of the territory is traced, the agents involved in the organization of urban and social space are identified, and academic concepts are related to local experiences. The methodology combines the researcher's writings, participant observation and documentary analysis. The research articulates Environmental Racism, presented as inequality in the application of environmental policies and practices that intentionally harm black communities, being reinforced by governmental, economic and political institutions, with geographical concepts such as territory, territoriality and sacrifice zones, showing how capitalist logic perpetuates racial, environmental and territorial inequalities. The results show a disconnection between agents - the state, industries, residents - and the absence of territorial planning that prioritizes the quality of life of individuals. This gap amplifies negative impacts, such as pollution, disease and low territorial self-esteem.

Keywords: Environmental Racism; Territoriality; Development.

1. Introdução

Quando a palavra tem cor e endereço, torna-se desafiador recriar cenários que escapem àqueles amplamente difundidos pelos meios de comunicação. Ao refletirmos

sobre um lugar que impulsiona o desenvolvimento, concentra altos rendimentos e atrai indivíduos de diferentes regiões, como se configura esse ambiente? Como se apresentam sua paisagem, suas ruas e construções? E as pessoas, quais são suas características? pele, suas formas de expressão, seus níveis de escolaridade? A natureza, nesse espaço, é conservada? Há árvores que sombreiam o espaço, um ar limpo? O lugar imaginado se assemelha a Campos Elíseos?

Localizado na Baixada Fluminense, na cidade de Duque de Caxias, o bairro de Campos Elíseos é um lugar de construção de sonhos. Nas histórias contadas pelos mais antigos do bairro, narra-se sobre diversos empreendimentos, como cassino, cinema e um famoso centro de umbanda. Contudo, o maior, mais influente e atual teve o início da sua construção em 1958 com a terraplanagem, mas apenas em 1961 foi inaugurada a Refinaria de Duque de Caxias (Reduc) e já neste ano atingiu a autossuficiência na produção dos principais derivados e, ainda hoje, continua sendo a mais completa refinaria do sistema Petrobras (Petrobras, 2024).

Desde então, a narrativa histórica contada sobre Campos Elíseos tem sido predominantemente centrada na presença do pólo petroquímico. Além de exercer uma influência tanto subjetiva quanto concreta no imaginário social da população, a Reduc é frequentemente promovida como um símbolo de desenvolvimento econômico. Presente na bandeira do município e no brasão da escola de samba da cidade, as chaminés de fumaça, se mostram como um marco do progresso econômico, como de exclusão social. No entanto, essa imagem amplamente veiculada nas mídias e pesquisas disponibilizadas na web sobre a região, raramente apresenta uma versão da população local, formado em sua maioria por negros e mulheres (SIDRA, 2025).

A urgência em seguir na luta pela importância de trazer o corpo negro para a centralidade das discussões, justifica a escrita de debater e relacionar explícita e diretamente os conceitos academicos com as vivencias do corpo e territorio periferico atingidos e protagonista das ações (Xavier, 2019). Dialogando com as geografias negras (Guimarães *et al.*, 2022), como ponte entre o corpo divergente e a academia.

A pesquisa tem como objetivo analisar criticamente o Racismo Ambiental na organização espacial de Campos Elíseos, enfatizando seus impactos socioespaciais. Para isso, estabelece objetivos específicos, como: contextualizar historicamente o território; identificar os agentes que influenciam a configuração urbana e social do bairro; e articular conceitos acadêmicos com a realidade vivida.

Para isso, adota-se uma abordagem exploratória-descritiva, amparada por uma revisão bibliográfica centrada nos conceitos de corpo, natureza e território. Como metodologia, emprega a escrevivência (Evaristo, 2017; Xavier, 2019), em uma perspectiva interdisciplinar.

Adiante, apresentam-se as etapas da busca pela retomada do corpo/território periférico, não como objeto de pesquisa, mas como sujeito ativo, protagonista da ação acadêmica (Guimarães, 2022). Na seção seguinte, será exposto o caminho metodológico adotado. Em seguida, em resultados e discussões, introduz-se o contexto histórico do local de estudos e o processo de industrialização relacionados ao conceito de Racismo Ambiental, identificando os agentes de transformação socioespacial. Na conclusão, sintetizam-se os principais pontos da pesquisa, como os impactos do Racismo Ambiental. Por fim, apresentam-se as referências que fundamentaram as vivências e a produção de dados no/do território estudado.

2. Metodologia

A pesquisa preta e periférica nas universidades enfrenta desafios de pertencimento e aprovação que frequentemente desconsideram as experiências de ser e pertencer a um corpo negro, pressionando sujeitos à assimilação de padrões hegemônicos para validação acadêmica. A disputa por reconhecimento exige resgatar a inteligência das vivências cotidianas, superando barreiras espaciais, sociais e emocionais, enquanto se constroem estratégias de aprendizado enraizadas na experimentação e na valorização de saberes alternativos aos modelos acadêmicos tradicionais.

Por meio dessas experiências, a pesquisa não apenas capturou dados, mas também vivências, resistências e esperanças. A escrevivência, conceito e prática literária de Dona Conceição Evaristo (2017), transcende a escrita do eu individual, mas constitui-se como ferramenta de análise e transformação que articula vivência, oralidade, escrita e intencionalidade, ao definir o que se escreve, de onde se escreve e para quem se escreve (Rodrigues, 2022).

Assim, o caminhar e o observar tornaram-se práticas metodológicas que constroem um olhar crítico e poético sobre Campos Elíseos. Os métodos adotados nesta pesquisa transitam entre as geografias negras, que possibilita a leitura das marcas, material e imaterial, deixadas pelas populações negras no tempo-espacô, resgatando seu protagonismo na produção do espaço geográfico e reafirmando seu protagonismo na transformação socioespacial. Com evidências de como raça, classe, gênero e sexualidade estruturam padrões que influenciam a configuração territorial, ampliando a compreensão sobre a organização dos espaços vividos e imaginários (Guimarães, 2020; BLACKFEMINISMS, 2025).

O levantamento bibliográfico foca em obras acadêmicas, legislações e produções científicas que abordem Racismo Ambiental, Racismo Estrutural, Produção do Espaço Geográfico e metodologias baseadas na escrevivência e geografia crítica.

3. Resultados e Discussão

Os resultados apontam como o debate a partir da área de estudo possibilita que as escrevivências dialoguem com o mundo material. Desvelou através da análise bibliográfica e a oralidade, um Campos Elíseos marcado por processos de marginalização socioespacial, reforçados pela presença do polo industrial. A urbanização da região intensificou-se a partir dos anos 1930, impulsionada pela recuperação demográfica, crescimento populacional e loteamentos, culminando na emancipação política do município na década de 1940 e na consolidação de seu perfil industrial nos anos 1950. No entanto, a história de Duque de Caxias não se resume à industrialização, mas resulta de um longo e complexo processo de ocupação territorial que moldou suas dinâmicas econômicas, políticas e ambientais.

O desenvolvimento econômico de Duque de Caxias, impulsionado desde a década de 1960 pela instalação da Reduc, consolidou Campos Elíseos como um polo industrial, onde a precariedade da infraestrutura e a ausência de estudos sobre os impactos industriais agravam as desigualdades vividas pela população que habita o entorno das indústrias (Rios e Loureiro, 2011; Souza e Besen, 2018).

A análise da produção e apropriação desigual dos territórios marginalizados revelam o Racismo Ambiental, ou seja, como injustiças socioambientais afetam desproporcionalmente grupos étnicos vulneráveis por meio de processos como industrialização, desmatamento, especulação imobiliária e desapropriação (Bullard, 2004). A vivência na área de estudo demonstrou que o Racismo Ambiental só é reconhecido como problema quando se admite a desumanização das populações periféricas, cujos corpos e territórios são sistematicamente escolhidos para suportar os impactos do desenvolvimento econômico. Essa realidade invisibilizada, resulta de decisões planejadas que perpetuam um modelo capitalista predatório, sustentado pela naturalização da opressão sobre corpos negros.

A caracterização do Racismo Ambiental é determinada por recortes de raça e renda, evidenciando a distribuição desigual dos impactos ambientais. Embora a poluição gerada por empreendimentos industriais afete o planeta como um todo, seus efeitos mais imediatos e severos recaem sobre as populações locais, manifestando-se tanto fisicamente, quanto emocionalmente.

Com isso, a análise bibliográfica e a observação no território de Campos Elíseos permitiram identificar os principais agentes na reorganização do espaço geográfico local: o Estado, como poder hegemônico e legislador; as indústrias e empresas que sustentam o polo petroquímico; as instituições não governamentais, como igrejas, ONGs e associações de moradores; o poder contra hegemônico, por meio das associações do tráfico; e os sujeitos em trânsito. Esses agentes, conforme apontado por Saquet e Abrão (2017), articulam estratégias de controle e dominação que influenciam tanto o uso e a ocupação do solo quanto às relações entre sujeitos e território, moldando as dinâmicas sociais, políticas e econômicas do bairro.

4. Conclusão

A pesquisa revelou que o Racismo Ambiental em Campos Elíseos, se manifesta na distribuição desigual dos impactos socioambientais decorrentes da industrialização. A marginalização territorial e a exclusão da população negra e periférica foram evidenciadas tanto nos processos históricos de urbanização quanto no rigor ambiental e econômico.

Ao articular escrevivência, geografia crítica e metodologias interdisciplinares, o estudo destaca como a produção do espaço geográfico é profundamente influenciada por recortes de raça, classe e gênero. A invisibilização das experiências e narrativas da população local, reforça a necessidade de reconhecer e valorizar seus saberes na construção de alternativas para mitigar as injustiças ambientais.

5. Referências

BLACKFEMINISMS. Black Geographies: Mapping Black Spaces and Places.

BLACKFEMINISMS. Disponível em: <https://blackfeminisms.com/black-geographies/>, . Acesso em: 01 abr. 2025.

BULLARD, Robert. **Enfrentando o Racismo Ambiental no século XXI.** Justiça Ambiental e Cidadania. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

EVARISTO, C. **Becos da memória.** 3^a ed. Rio de Janeiro: Pallas. 2017.

GUIMARÃES, G. F *et al.*, **GEOGRAFIAS NEGRAS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS.** São Carlos (SP). Pedro & João Editores, 2022.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Geo-grafias negras & geografias negras. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. Ed. Especi, p. 292-311, 2020.

PETROBRAS. Trajetória: fique por dentro da nossa história | Petrobras. **Petrobras**. Disponível em: . Acesso em: 16 nov. 2024.

RIOS, N. T; LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental em escolas próximas ao polo industrial de Campos Elíseos: a influência do contexto industrial e do risco. Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental—**A pesquisa em Educação e a Pós-Graduação no Brasil**, v. 6, p. 16, 2011.

RODRIGUES, N. M. GEO-GRAFIAS INSURGENTES E NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS: A ESCREVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO. OLIVEIRA, Anita Loureiro; ARRUZZO, R. C. **Geografias Coletivas: corpos existências e cotidiano**. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2022. p. 154- 169.

SAQUET, M. A; ABRÃO, J. A. A **TERRITORIALIZAÇÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR**. 2017.

SIDRA. Banco de Tabelas e Estatísticas. **SIDRA** . Acesso em: 15 fev. 2025.

SOUSA, A; BESEN, D. **Ambivalências em Duque de Caxias: A “vocação” industrial e ambiental de um município da Baixada Fluminense**. 2018.

XAVIER, G. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história!** Rio de Janeiro: Malê, 2019.